

POVOS INDÍGENAS E GLOBALIZAÇÃO

LEONARDO BOFF

A campanha da fraternidade da CNBB deste ano é sobre “Fraternidade e os Povos Indígenas”. Busca-se suscitar solidariedade para com eles e favorecer o aprendizado de sua sabedoria ancestral. Hoje, segundo dados da ONU, existem cerca de trezentos milhões de indígenas no mundo. Nesse processo de globalização por nós já abordado, qual a contribuição que eles trazem? Elenquemos apenas alguns pontos relevantes.

Sabedoria ancestral

Conhecendo-se um pouco as diversas culturas indígenas, identificamos nelas profunda capacidade de observação da natureza com suas forças e da vida com suas vicissitudes. A sabedoria deles se teceu através da sintonia fina com o universo e da escuta atenta da Terra. Sabem melhor do que nós, casar céu e terra, integrar vida e morte, compatibilizar trabalho e diversão, confraternizar ser humano com a natureza.

Nesse sentido eles são altamente civilizados embora sejam tecnologicamente primitivos.

Intuitivamente, atinaram com a vocação fundamental de nossa efêmera passagem por esse mundo que é captar a majestade do universo, saborear a beleza da Terra e tirar do anonimato a Fonte originária de todo ser, chamando-a por mil nomes Palop, Tupã, Ñmandu e outros. Tudo existe para brilhar. E o ser humano existe para dançar e festejar esse brilho.

Essa sabedoria precisa ser resgatada por nossa cultura dominante. Sem ela dificilmente pômos limites ao poder que poderá dizimar o nosso ridendo Planeta vivo.

Integração sinfônica com a natureza

O índio se sente parte da natureza e não um estranho dentro dela. Por isso, em seus mitos, seres humanos e outros seres vivos con-vivem e casam entre si. Intuíram o que sabemos pela ciência empírica que todos formamos uma cadeia única e sagrada de vida. Eles são exímios ecologistas. A Amazônia, por exemplo, não é terra intocável. Em milhares de anos, as dezenas de nações indígenas que aí vivem, interagiram sabiamente com ela. Quase 12% de toda floresta amazônica de terra firme foi manejada pelos índios, promovendo “ilhas de recursos”, desenvolvendo espécies vegetais úteis ou bosques com alta densidade de castanheiras e frutas de toda espécie.

Elas foram plantadas e cuidadas para si e para aqueles que, por ventura, por aí passassem.

Os Yanomami sabem aproveitar 78% das espécies de árvores de seus territórios, tendo-se em conta a imensa biodiversidade da região, na ordem 1200 espécies por área do tamanho de um campo de futebol.

Para eles a Terra é Mãe do índio. Ela é viva e por isso produz todo tipo de seres vivos. Deve ser tratada com reverência e respeito que se deve às mães. Nunca se há de abater animais, peixes ou árvores por puro gosto, mas somente para atender necessidades humanas. Mesmo assim, quando se derrubam árvores ou se fazem caçadas e pescarias maiores, organizam-se ritos de desculpa para não violar a aliança de amizade entre todos os seres.

Essa relação sinfônica com a comunidade de vida é imprescindível para garantirmos o futuro comum da própria vida e o da espécie humana.

Atitude de veneração e de respeito

Para os povos indígenas, bem como para muitos contemporâneos, tudo é vivo e tudo vem carregado de mensagens que importa decifrar. A árvore não é apenas uma árvore. Ela tem braços que são seus ramos, tem mil linguas que são suas folhas, une a Terra com o Céu pelas raízes e pela copa. Eles conseguem, naturalmente, captar o fio que liga e re-liga todas as coisas entre si e com Deus.

Quando dançam e tomam as beverages rituais fazem uma experiência de encontro com Deus e com o mundo dos anciãos e dos sábios que estão vivos no outro lado da vida.

Para eles, o invisível é parte do visível. Essa lição importa aprender deles.

A liberdade, a essência da vida indígena

Nos dias atuais a falta de liberdade nos atormenta. A complexidade da vida, a sofisticação das relações sociais geram sentimento de prisão e de angústia. Os povos indígenas nos dão o testemunho de uma incomensurável liberdade.

Baste-nos o depoimento dos grandes indigenistas, os irmãos Orlando e Cláudio Villas Boas: “O índio é totalmente livre, sem precisar de dar satisfação de seus atos a quem quer que seja... Se uma pessoa der um grito no

centro de São Paulo, uma rádio-patrolha poderá levá-lo preso. Se um índio der um tremendo berro no meio da aldeia, ninguém olhará para ele, nem irá perguntar por que ele gritou. O índio é um homem livre”.

A autoridade, o poder como generosidade

A liberdade vivida pelos índios confere marca singular à autoridade de seus caciques. Estes nunca têm poder de mando sobre os demais. Sua função é de animação e de articulação das coisas comuns, sempre respeitando o dom supremo da liberdade individual. Especialmente, entre os Guarani se vive esse alto sentido da autoridade, cujo atributo essencial é a generosidade. O cacique deve dar tudo o que lhe pedem e não deve guardar nada para si. Em algumas tabas se pode reconhecer o chefe na pessoa de quem traz ornamentos mais pobres, pois, o resto foi tudo doado. Nós ocidentais definimos o poder sob sua forma autoritária: “a capacidade de conseguir com que o outro faça aquilo que eu quero”. Em razão desta concepção, as sociedades são dilaceradas permanentemente por conflitos de autoridade.

Imaginemos o seguinte cenário: caso o cristianismo, se tivesse encarnado na cultura política guarani e não naquela greco-romana, teríamos então padres pobres, bispos miseráveis e o papa um verdadeiro mendigo. Mas sua marca registrada seria a generosidade e o serviço humilde a todos. Então, sim, poderiam ser testemunhas d’Aquele que disse: “estou entre vós como quem serve”. Os indígenas teriam captado essa mensagem como conatural à sua cultura e, quem sabe, livremente aderido à fé cristã.

Como se depreende, em tantas coisas, os indígenas podem ser nossos mestres e nossos doutores, como se dizia dos pobres na Igreja dos primórdios.

